

## **Autor implícito, Machado personagem**

Bruno Lima OLIVEIRA<sup>1</sup> (UERJ)

### **Resumo:**

*Todo texto literário é possível de ser lido, compreendido e apreciado autonomamente, sem que para isso seja necessária a sua inserção no todo da obra do autor. A leitura das crônicas de Machado de Assis, no entanto, nos permite não apenas acompanharmos o que o autor tinha pontualmente a nos dizer, mas possibilita que rastreemos sua figura autoral por seus romances e que vejamos similitudes entre o escritor e um de seus personagens mais “biográficos”, o Conselheiro Aires. Através de sua experiência jornalística é possível, também, que entendamos a primeira pessoa empregada por Machado de Assis em romances como Dom Casmurro e Esaú e Jacó, ambos escritos após o encerramento de sua carreira de cronista. Se por um lado Machado abdicou de escrever crônicas, por outro as continuou escrevendo, notadamente, em seus últimos romances, possibilitando, uma confluência entre autor, narrador e personagem.*

**Palavras-chave:** Machado de Assis; crônica; ficção; autor.

### **Introdução**

A literatura brasileira contemporânea aponta uma nova função autoral, presente em autores como Bernardo Carvalho e Marcelo Mirisola, que em suas obras autoficcionalizam-se. Importam para este tipo de ficção fatos e personagens reais, características autobiográficas, experiências vividas, verdadeiras. Dessa forma o autor cria uma *persona* que não corresponde necessariamente a sua identidade, mas que é suficientemente ambígua para confundir o leitor, indeciso se deve ou não atribuir certas informações como inerentes ao autor ou como constituintes de uma personagem ficcional. O pacto autoficcional<sup>2</sup>, portanto, “pressupõe sempre a ambiguidade da referência, a sutileza da imbricação entre vida e obra, um leitor sempre em falso, driblado pela desestabilização de uma escrita de si em outros” [AZEVEDO, 2004, p. 4].

A investigação feita atualmente acerca da vida do autor não é, entretanto, uma característica exclusiva do leitor contemporâneo. Recuando no tempo até o século XIX, notamos a preocupação da crítica literária em entender a obra de Machado de Assis a partir de sua vida pessoal, explicando aquela a partir desta. Não é o que acontece hoje, pois se o leitor é levado a questionar se o narrador de *Nove noites*, de Bernardo Carvalho, por exemplo, é ou não o próprio autor, deve-se antes às armadilhas do escritor do que à curiosidade ingênua do público. Em Carvalho, “vida e ficção se mostram confundidas” [LIMA, 2002, p. 281], incertas, ao passo que parte da crítica oitocentista pensava escrever uma biografia certa de Machado de Assis fundamentada em seus textos, e, dialeticamente, tentava compreender sua literatura a partir de sua vida, como fez Mario de Alencar, atribuindo à gagueira e à epilepsia do autor a escrita fragmentária de seus romances.

---

<sup>1</sup> Mestrando em literatura brasileira.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

[bruno.lima\\_rj@hotmail.com](mailto:bruno.lima_rj@hotmail.com)

<sup>2</sup> Diferentemente do pacto autobiográfico postulado por Phillippe Lejeune, o pacto autoficcional não esclarece ao leitor acerca dos possíveis dados biográficos e autobiográficos, confundindo verdade com ficção. Para maiores esclarecimentos sobre os pactos biográfico e autobiográfico cf. LEJEUNE, Phillippe. *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil, 1975 e VIEGAS, Ana Cláudia. “A ‘invenção de si’ na escrita contemporânea” In: JOBIM, José Luís e PELOSO, Silvano (org.) *Identidade e literatura*. Rio de Janeiro/Roma: Casa Doze Edições/ Instituto de Letras da UERJ/ Universidade de Roma La Sapienza, 2006.

Se a figura autoral era marcante lá como aqui, devemos entender como resultado do conceito de indivíduo surgido no século XVIII, que possibilitou o olhar atento para aquele que escreve o texto. Inevitavelmente, toda obra literária possui nela mesma traços do autor, responsável por sua tecedura. Não é possível escrever uma biografia de Machado de Assis calcada em sua obra, mas buscarei ser possível observar em *Esau e Jacó* e em *Dom Casmurro* alguns traços de sua personalidade nos subterrâneos de sua literatura.

## **1 Fragmentos subterrâneos: Machado de Assis**

A literatura pode ajudar o entendimento de dada sociedade, produto que o é dela. Há quem se interesse em estudá-la apenas esteticamente, mas também a estética é fruto de um tempo e de um espaço determinados, sem os quais ela não se sustentaria. Não nego a validade de tal leitura, mas com isso sublinho a minha preferência por uma crítica literária que procura situar a literatura historicamente, estudando a obra e dela se valendo para compreender a sociedade em que se insere. Em uma palavra, não acredito na arte pela arte, na literatura pela literatura. De acordo com Antônio Cândido (1965, p. 23), “a verdade que literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”.

Em qual sociedade o texto machadiano se insere, recebendo sustento para sua construção e para ela retornar mimeticamente? Seus romances maduros têm início em 1881, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. É nesse ano que é criada a cadeira de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 40 anos depois da fundação do Hospício Pedro II, também no Rio de Janeiro, importando para a Corte, de hábitos ainda prosaicos, a modernidade científica da França. O início de uma transformação, em que o “presente ficava suspenso pela urgência de modernizar, civilizar, à moda européia, os hábitos sociais; um pé no passado, um pé no futuro – eis o nosso solo” [MURICY, 1988, p. 34]. As ciências médicas e biológicas, que serão muito utilizadas pelo naturalismo do final do século, também estão presentes não apenas na sociedade fluminense de então, pois “as poucas nítidas fronteiras entre a loucura e a razão, a relatividade do que possa ser considerado razoável ou insensato sempre é assunto na literatura de Machado de Assis”. [idem]

A modernização, porém, antes de alcançar o Hospício Pedro II e a faculdade de medicina, chegou à colônia com a família real em 1808. As ruas foram iluminadas e ordenadas, e a cidade deixou de ser administrada pelos senhores rurais, que privilegiavam seus interesses particulares. Com a transferência de D. João VI para o Brasil, não convinha a manutenção de uma cidade alheia aos hábitos e às novidades da Europa. Não era costume da família, por exemplo, o convívio no espaço público, tampouco a abertura do espaço doméstico para visitas, para festas, o que mais tarde passará a ser uma atividade corriqueira, indispensável, o *salonismo*<sup>3</sup>. É nessa sociedade em processo de mudanças e modernizações europeizantes que escreve Machado de Assis; esse é o esboço do cenário onde representam seus atores.

Antes de analisarmos a produção romanesca de Machado de Assis, convém falar de sua produção como cronista. Desempenhando a atividade folhetinesca por quase 40 anos, Machado acompanhou atento as transformações sociais de seu tempo. Não importa aqui a discussão a que se propõe Júlio França, se crônica é ou não um gênero menor, mas “o que não é concebível, entretanto, é considerar a crônica apenas uma contingência na carreira do escritor, um apêndice desimportante em meio à grandiosidade dos seus contos e romances”, porque “a prática rotineira da crônica influenciou diretamente no artesanato da prosa ficcional do escritor”. [FRANÇA, 2001, p.52]

A atividade jornalística de Machado de Assis é vital para se refutar as críticas que lhe são feitas sobre a sua apatia política. O cotidiano é o fornecedor de matéria prima para o cronista, que

---

<sup>3</sup> Para um estudo mais rigoroso das mudanças sociais ocorridas no Brasil do século XIX, cf. MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

não se pode vender e não observar os fatos ao seu redor. O espaço de publicação de suas crônicas, de suas impressões do que acontece no dia a dia da sociedade é sintomático: o jornal, a imprensa, um formador de opinião.

Machado descobria que abrir mão dos grandes temas que dominavam o noticiário **sério** não significava ficar à parte das discussões fundamentais da sociedade. Deslocar o foco de atenção para onde as luzes dos interesses ideológicos não incidiam e se ater às ninharias do cotidiano podia ser uma forma de comentar, algumas vezes de modo alegórico, as questões tratadas pela Política com “p” maiúsculo. [idem, p. 53, grifo do autor]

A importância de lembrar a carreira jornalística de Machado de Assis deve-se a dois motivos. O primeiro é que a crônica é um texto que privilegia o autor, isto é, Machado de Assis não ficaria *camuflado* por qualquer categoria narrativa e a leitura de uma crônica pode ser considerada como a leitura do pensamento de quem a escreve. O segundo motivo é justamente a interrupção abrupta de sua atividade como cronista. Júlio França lembra que após o encerramento de sua vida jornalística, Machado escreveu mais três romances – *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* – em primeira pessoa, comum nas crônicas.

Chegamos enfim nos subterrâneos de *Dom Casmurro* e *Esau e Jacó*, primeiro romance em que aparece o *conselheiro* Aires. Lúcia Miguel Pereira, a esse respeito, diz que

Esse Job<sup>4</sup> foi a primeira encarnação de um tipo que veio acompanhando Machado a vida toda, se foi confundindo com ele, e acabou por dominá-lo: o do Conselheiro Aires, diplomata aposentado, homem polido e medido, que se punha à margem da existência e apreciava, entre interessado e entediado, o espetáculo da vida humana. [1955, p. 243]

A ensaísta, mais uma vez aludindo à função jornalística de Machado de Assis, diz que “essa velhice precoce do cronista da *Ilustração Brasileira*, que ainda não tinha quarenta anos, já era influência do Conselheiro Aires”. [idem, p. 244] Aqui não é mais o escritor presente no subterrâneo de sua obra no personagem Aires, é antes este influenciando o cronista, de modo a explicitar sua *persona*, pois “em 1892, quem escreve os folhetins da *Semana*, sob o pseudônimo de Machado de Assis, é o velho Aires”. [idem, p. 244-5]

Aires e Machado de Assis, velhos precoces, tinham quase a mesma idade, aquele, “apesar dos quarenta anos, ou quarenta e dous, e talvez por isso mesmo, era um belo tipo de homem”. [ASSIS, 1997, p. 27] Mas as semelhanças vão além: “Era cordato, repito, embora esta palavra não exprima exatamente o que quero dizer. Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia”. [idem, p. 29] Machado de Assis era, confessadamente, avesso às mesmas controvérsias das quais fugia Aires.

Uma característica comum aos romances machadianos é o diálogo com o leitor – diálogo comum entre um cronista e seu público. Em *Esau e Jacó*, o narrador assim se dirige a quem o lê:

Não me peças a causa de tanto encolhimento no anúncio e na missa, e tanta publicidade na carruagem, lacaio e libré. Há contradições explicáveis. Um bom autor, que inventasse a sua história, ou prezasse a lógica aparente dos acontecimentos, levaria o casal Santos a pé ou em caleça de praça ou de aluguel; mas eu, amigo, eu sei como as cousas passaram, e refiro-as tais quais. Quando muito, explico-as, com a condição de que tal costume não pegue. Explicações

---

<sup>4</sup> Job era um pseudônimo utilizado por Machado de Assis quando escrevia para o *Diário do Rio*. Lúcia Miguel Pereira parece concordar com a hipótese de Júlio França sobre o narrador das crônicas machadianas, aproximando Machado (Job) de seu personagem Aires.

comem tempo e papel, demoram a ação e acabam por enfadar. O melhor é ler com atenção. [idem, p. 12-3]

Em *Dom Casmurro*, Bento Santiago tem uma fala que se aproxima muito: “Por outro lado, leitor amigo, nota que eu queria desviar as suspeitas de cima de Capitu, quando havia chamado minha mãe justamente para confirmá-las; mas as contradições são deste mundo”. [ASSIS, 1971, p. 232] Em sua vasta produção como cronista, inúmeras vezes Machado dialoga com o leitor, como na crônica de 6 de janeiro de 1895.

O presente é a chuva que cai menos que em Petrópolis, onde parece que o dilúvio arrasou tudo, ou quase tudo, se devo crer nas notícias; mas eu creio em poucas cousas, leitor amigo. Creio em ti, e ainda assim é por um dever de cortesia, não sabendo quem sejas, nem se mereces algum crédito. Suponhamos que sim. Creio em teu avô, uma vez que és seu neto, e se já é morto; creio ainda mais nele que em ti. Vivam os mortos! Os mortos não nos levam os relógios. Ao contrário, deixam os relógios, e são os vivos que os levam, se não há cuidado com eles. Morram os vivos!<sup>5</sup> [2001, p.95]

A forma como o narrador de *Dom Casmurro* e *Esau e Jacó* se dirige ao leitor perpassa pelo conjunto de sua obra, principalmente se nos mantivermos nos romances da fase madura do escritor. “No caso de *Esau e Jacó*, John Gledson já apontou, em *Machado de Assis: Ficção e História*, como passagens do romance surgem de forma embrionária nas colunas da *Gazeta de Notícias*”. [FRANÇA, 2001, p. 4] Nota-se que um estudo mais eficaz da obra de Machado de Assis deve compreender o conjunto de sua produção, “como um todo coerentemente organizado”. [SANTIAGO, 2000, p. 29]

*Esau e Jacó* é sem dúvida o romance mais político de Machado. Se a literatura reflete o tempo e o espaço em que se insere, e se o autor tem uma influência jornalística adquirida do ato de escrever crônicas – notadamente em seus últimos três romances, como assinala Júlio França –, a mudança do regime monárquico para o republicano não poderia se ausentar da obra machadiana. Os capítulos destinados à tabuleta da confeitaria do Custódio são emblemáticos. Muda-se o regime, muda-se a tabuleta. Também não há espanto que Custódio tenha pedido auxílio a Aires, homem com “tédio à controvérsia”. Os gêmeos idênticos Pedro e Paulo que divergem um do outro politicamente também são exemplares da preocupação de Machado, pois se um é monarquista e outro republicano, ambos “eram os mesmos, desde o útero”. [ASSIS, 1997, p. 233]

Vimos que a modernização da cidade quando a família real chegou trouxe, dentre as mudanças operadas na sociedade fluminense, o privilégio do espaço urbano. As casas foram abertas para festas, as famílias passaram a se frequentar, operou-se uma transformação nos hábitos sociais, até então preponderantemente **rurais**. *Dom Casmurro*

é um romance sobre um grupo de pessoas que agem de acordo com a lógica de suas condições sociais e familiares. Uma vez compreendidas, bem como a maneira pela qual suas ações caminham juntas para formar o enredo, pode-se começar a enxergar algo do verdadeiro significado do romance. [GLEDSON, 1991, p. 50]

A família Santiago, pertencente a uma “sociedade, teórica e praticamente patriarcal” [idem, p. 52], não tem a figura paterna, substituída pelo agregado José Dias. Este não desempenha a função que ocuparia o pai falecido de Bentinho, uma vez que não tem uma função social definida:

---

<sup>5</sup> O mau trato que Machado dispensa ao seu leitor é muito bem estudado em GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, São Paulo: Nankin Editorial / Edusp, 2004.

o agregado, nominalmente sem poder, domina, e a família propriamente dita abdica de sua força, a ponto de querer a própria extinção (...) Se houve uma norma social no Brasil do século XIX, esta foi sem dúvida a do poder patriarcal, em que o pai era investido de total autoridade não só sobre a família, compreendendo a mulher e demais parentes, como também sobre os criados, os escravos e os agregados. [idem, p. 57]

Bentinho não se torna padre, mas a família perece de igual forma. Único herdeiro, teve um filho com Capitu, que exilou a ambos, e ambos morreram no exterior, Capitu ainda no exílio e Ezequiel “nas imediações de Jerusalém”. [ASSIS, 1971, p. 345] Temos em *Dom Casmurro* uma linhagem que migra do campo para a cidade, acéfala, que vivencia a penetração em seu seio por Capitu, pertencente a outro nível sócio-econômico. É esta uma das reflexões a que se propõe o romance.

### **À guisa de conclusão**

Vimos muito rapidamente que alguns aspectos da vida de Machado de Assis estão presentes em sua obra. Em *Esau e Jacó* a crítica concorda que Machado e Aires se confundem. Luiz Costa Lima a esse respeito diz que, “através de Aires, hipérbole de si mesmo, Machado não se idealiza. Antes, se estas palavras podem ser combinadas, mozartianamente se ironiza”. [1981, p. 107] Em uma sociedade que abriu suas portas para as festas, nos salões, onde predominavam máscaras sociais, podemos nos questionar se a presença de Machado em Aires, ou a influência do conselheiro no escritor, não seriam também máscaras machadianas. “Com as diversas máscaras superpostas desse voluptuoso da acrobacia humorística, podemos compor uma cara sombria – a cara de um homem perdido em si mesmo e que não sabe rir. Perdido em si mesmo, isto é, engaiolado na autodestruição de seu niilismo”. [MEYER, 1982, p. 196]

A preocupação em problematizar as relações familiares e sociais que se percebe em *Dom Casmurro* já era manifestada em suas crônicas. Sobre um texto que o romancista escrevera em 1896 e que serviu como “uma versão primitiva dos capítulos 3, 4, 5 e 7”, Gledson diz que “isso é história social feita de forma direta, objetiva, que jamais aparece no romance e que é fácil associar, como faz Machado, à crônica”. [1991, p. 56] Em crônica de 10 de junho de 1894, escreve que “é tempo de reconstituir a família” [2001, p. 67], ou seja, também nos jornais, que não há subterfúgio, salvo possível pseudônimo, da fala do autor, há preocupação com a família.

Não é possível fazer uma biografia do escritor através de sua produção textual, mas é notória a presença, nos subterrâneos de sua literatura, da vida e do pensamento do próprio Machado de Assis. Sua presença na sua obra ficcional não o torna, contudo, um personagem de si mesmo. De acordo com Costa Lima [1981, p. 58], Machado não tinha “consciência autoral” no seu discurso ficcional, mas é possível, como vimos, rastreamos a sua presença na sua obra de ficção.

### **Referências bibliográficas**

- [1] ASSIS, Machado de. *A semana*. [file:///C:/site/livros\\_gratis/a\\_semana.htm](file:///C:/site/livros_gratis/a_semana.htm), acessado em [6/9/2007 22:36:53]
- [2] \_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. São Paulo: Abril, 1971.
- [3] \_\_\_\_\_. *Esau e Jacó*. São Paulo: Globo, 1997.
- [4] AZEVEDO, Luciene. “Blogs: a escrita de si na rede dos textos”. In: Encontro Regional da ABRALIC, 10, 2005, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos... Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
- [5] BENJAMIN, Walter. “O Narrador” In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- [6] CANDIDO, Antônio. “A literatura e a vida social” In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: histórias de teoria e história literária*, São Paulo: Cultrix, 1965.
- [7] FAORO, Raymundo. “A pirâmide e o trapézio” In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001.
- [8] FRANÇA, Júlio. *O narrador ético*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense, 2001.
- [9] GLEDSON, John. “O enredo” In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: imposturas do realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- [10] GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*, São Paulo: Nankin Editorial / Edusp, 2004.
- [11] MEYER, Augusto. “O romance machadiano: o homem subterrâneo” In: BOSI, Alfredo (org.) *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- [12] MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- [13] LEJEUNE, Phillippe. *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil, 1975.
- [14] LIMA, Luiz Costa. “Bernardo Carvalho e a questão do ficcional” In: \_\_\_\_\_. *Intervenções*, São Paulo: EdUsp, 2002.
- [15] \_\_\_\_\_. “Sob a face de um bruxo” In: \_\_\_\_\_. *Dispersa Demanda*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- [16] PEREIRA, Lúcia Miguel. “O Conselheiro Aires” In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- [17] SANTIAGO, Silviano. “Retórica da verossimilhança” In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- [18] SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar” In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000.
- [19] VIEGAS, Ana Cláudia. “A ‘invenção de si’ na escrita contemporânea” in: JOBIM, José Luís e PELOSO, Silvano (org.). *Identidade e literatura*. Rio de Janeiro/Roma: Casa Doze Edições/Instituto de Letras da UERJ/ Universidade de Roma La Sapienza, 2006.